

O esforço para ser sem limites e seu impacto no tratamento psicanalítico

Rainer Funk

Translation into Portuguese of R. Funk: „The Striving for Unboundedness and Its Impact on Psychoanalytic Treatment”, in: *Fromm Forum* (English Edition - ISBN 1437-1189), 17/2013, Tuebingen (Selbstverlag), pp. 22-28. –

Copyright © 2013 and 2022 por Dr. Rainer Funk, Ursrainer Ring 24, D-72076 Tuebingen, Alemanha; E-Mail: funk[arroba]fromm-online.com. Tradução a partir do inglês: Dr. Flávio Rodrigues, Uruguaiana, Brasil .

Resumo: Particularmente devido às inovações técnicas, estamos testemunhando uma realidade sem limites crescente que se reflete cada vez mais em um esforço interno para nos livrarmos das limitações e fronteiras de nossa própria personalidade, reconstruindo-a novamente. Essa busca *des-limitação*, dissolução e indefinição dos limites é vista como um traço de caráter central do caráter social *Ego-orientado*. Tal fabricação de uma personalidade ilimitada sem dúvida resulta em um enfraquecimento de tais habilidades psíquicas como experimentar a si mesmo como uma entidade consistente e ambígua, estar emocionalmente ligado a si mesmo e aos outros, sentir seus próprios esforços, afetos e emoções, e ser guiado por alguém normas e valores internalizados. Por fim, discute-se o impacto dessa formação de caráter no que diz respeito às questões clínicas e terapêuticas.

1. A nova busca pela autodeterminação

Cada vez mais pessoas estão insatisfeitas com sua própria personalidade. Eles querem deixar isso para trás e se reinventar. Mesmo quando nenhuma experiência ou desenvolvimento patológico os faz sofrer emocionalmente, eles se sentem limitados e dirigidos pelos outros por seu desenvolvimento familiar e social e, portanto, por uma estrutura psíquica que naturalmente acompanha esse desenvolvimento. Eles querem ser completamente livres e autodeterminados e, portanto, se esforçam para reinventar uma personalidade que tem - mais ou menos - nada a ver com a anterior.

A tentativa de buscar uma compreensão dessa liberdade e desse desejo de autonomia leva imediatamente, apenas à compreensão de que as explicações psicodinâmicas comuns não se aplicam: essas pessoas não lutam por autonomia para se libertar de reivindicações repressivas de poder de autoridades externas ou internas; um impulso autoritário geralmente não é detectado. Sua busca pela autonomia não emana de uma “autoinflação” narcísica que desvaloriza tudo o que não reforça sua própria grandiosidade ou a exclui de sua própria percepção. Também é difícil obter evidências para o pensamento delirante, que levaria à conclusão de uma percepção patológica da realidade.

Essa nova busca pela autonomia não parece loucura, não mostra uma fixação em si mesmo, nem se rebela contra algo. É antes uma reação completamente plausível à tecnologia digital e aos meios eletrônicos, através dos quais a realidade circundante pode não apenas ser desenvolvida de forma nova e diferente, mas também construída e percebida de uma nova maneira. Por que essa fascinante possibilidade de construir a realidade de uma maneira nova e diferente não se aplica à própria personalidade, à própria personalidade e à estrutura psíquica? A busca da liberdade pelas pessoas mudou com a revolução digital, de modo que cada um quer decidir por si mesmo o que é a realidade.

Eu chamei a orientação de caráter correspondente de "Orientação do Ego" (Funk 2005; 2010), porque todos – sem levar em consideração as prescrições ou exigências do ambiente – querem determinar por si próprios o que é a realidade e com qual realidade eles / ela quer negociar. O direito a este tipo de autodeterminação é, portanto, reconhecido a todos. Consequentemente, novas formas de convivência são criadas no espaço interpessoal e na estrutura social, que atendem a esse desejo de autodeterminação. Uma investigação empírica de 2005 sobre a incidência da Orientação de Ego mos-

trou que, naquela época, até 20% da população adulta da Alemanha era predominantemente Ego-orientada em sua estrutura de caráter (ver Frankenberger 2007).

A busca específica da autonomia das pessoas *ego-orientadas* pode ser melhor capturada de uma perspectiva psicológica como a busca pela *des-limitação* ou pela desvinculação. As palavras "*des-limitação*" e "*desvinculação*" são usadas para traduzir a palavra "*Entgrenzung*", que representa uma interação muito específica com limites ou fronteiras. "*Entgrenzung*" sempre significa que os limites anteriores foram abolidos. Não se trata de uma violação de limites, ou de uma contestação de limites, ou de uma transgressão de limites, em que um limite é deixado para trás, mas de uma eliminação de limites por meio de uma nova construção da realidade. Isso significa que, na realidade recém-construída, esses limites realmente não existem mais ou subjetivamente não existem mais, porque não são mais observados ou repudiados.

Em primeiro lugar, serão esboçados quais desenvolvimentos promovem a formação da busca por "*Ent-grenzung*", isto é, ilimitado resp. *des-limitação*, e de que forma resulta na formação do caráter. Uma seção subsequente tratará da representação e formação da realidade e sua aplicação à nova construção da personalidade. Por fim, será mostrado como essa personalidade tem impacto na estrutura psíquica e na prática terapêutica.

2. Razões para a busca de *ser sem limites*

As razões para o aumento significativo na busca pela desvinculação podem ser encontradas primeiro nas possibilidades técnicas atuais de *des-limitação*; em segundo lugar, eles podem ser encontrados na demanda por desvinculação da economia, dos negócios e da sociedade que cada vez mais as pessoas têm que assumir se não quiserem cair no vazio profissional ou social.

As Novas Possibilidades De *Ser Sem Limites*

As conquistas avassaladoras na área de tecnologia digital e mídia eletrônica, bem como rede, deram início a uma dinâmica de *des-limitação* que era, até recentemente, difícil de imaginar e que desde então mudou vários domínios de pesquisa e vida – pense apenas em procedimentos de imagem ou a descryptografia do código genético que seria impossível sem computadores ou meios eletrônicos.

Esse pequeno exemplo ilustra um pouco mais a dinâmica das possibilidades de *des-limitação*: a transferência de dados quase totalmente sem limite espacial e temporal trouxe, e continua a nos trazer, a uma aquisição revolucionária de informação e conhecimento. Informações, compras, aconselhamentos de todos os tipos e muitos outros tesouros de *know-how* perdido podem ser encontrados em um celular, *iPad* ou *tablet* híbrido, sem ter que mudar de local, estar atento ao horário comercial ou ter que considerar os tempos de espera. Com exceção da aquisição de línguas estrangeiras, grande parte do que ainda aprendemos na escola consiste na memorização de fatos e conhecimentos especializados. Contudo, para ter esse conhecimento à mão, só precisamos de um smartphone com um bom mecanismo de busca.

Dadas as fascinantes possibilidades de *des-limitação*, não é surpreendente que *ser sem limites* se torne uma palavra-chave para a solução de todos os problemas econômicos, sociais, de pesquisa e humanos e que a tecnologia que desfaz as fronteiras seja considerada como remédios universais. Por exemplo, a *des-limitação* permite a flexibilização do mundo do trabalho, mesmo que aqui já se perceba que nem toda dissolução de fronteiras é benéfica para a pessoa.

***Des-limitação* no mundo do trabalho**

Se em muitas nações industrializadas o mundo profissional foi caracterizado por carreiras de longo prazo e relações de emprego duradouras em empresas estáveis e sistemas de seguridade social, essa base externa protetora está cada vez mais se desfazendo. Aqui, a *des-limitação* não significa apenas poder usufruir de horários de trabalho mais flexíveis, a tempo parcial ou a partir de casa. Tudo o que dá proteção e suporte, que fornece aterramento, também se torna *sem limites*.

A ameaça é de relações empregatícias atípicas, como cargos temporários e a deficiência de contratos

por tempo em aberto. Os trabalhos por turnos, por exemplo, à noite, finais de semana e domingo estão ganhando terreno amplamente – apesar dos dados esmagadores sobre os impactos negativos na saúde e sobre o potencial de conflito familiar e social que acompanha esses limites dissolvidos. O maior impacto da dissolução dos limites na esfera profissional é o estabelecimento do "auto-empregador"¹; para ele, o trabalho passa de prescrito a algo que se deve: se "dar", se dirigir e controlar por si mesmo. Em vez de desfrutar da provisão, cuidado, pagamentos adiantados e orientação de um empregador; as atividades empresariais devem ser realizadas pelo próprio trabalhador. A consequência é um aumento da autoexploração dos empregados.

O empregador tem que se identificar com a exigência de *des-limitação* na área econômica para que ele mesmo desenvolva o desejo de lidar de acordo com as atividades profissionais mais desvinculadas de hoje. À medida que os métodos de *des-limitação* são internalizados, a racionalização, a economia e o controle, não sendo mais percebidos como algo estranho, mas como algo inato.

Essa "subjetivação" do trabalho é alcançada por meio da realização corporativa, principalmente na medida em que a organização do trabalho se torna mais flexível e as relações de trabalho são desestabilizadas. Sugere-se que tal pressão por desempenho levará a uma exigência excessiva de si mesmo e, finalmente, a um "esgotamento".

A *des-limitação* é, e aqui vou ao terceiro motivo para a formação de um desejo de *des-limitação*, não apenas uma promoção na organização do trabalho, mas também a receita para o sucesso, no que diz respeito à questão do que é que realmente a economia produz. Junto da produção de bens e serviços, as realidades que são, aliás, cada vez mais produzidas².

Dissolução dos limites por meio da atuação da realidade

Na última década, as empresas economicamente bem-sucedidas fizeram a transição cada vez maior, investindo toda a sua energia, na produção de ambientes e realidades desejadas. É claro que bens e serviços também continuam a ser produzidos, mas o que é oferecido e vendido são realidades na forma de mundos emocionais, estados de excitação, experiências, emoções, paixões, ambientes e estilos de vida. Quem quer ter sucesso comercial hoje deve apostar na emocionalização e vender sentimentos e experiências. A produção de sentimentalismo e eventos é particularmente notável na indústria cultural em constante crescimento.

A produção de realidades emocionais deve dar a certos grupos-alvo a possibilidade de se sentirem vivos, cheios de sentimento, ativos, criativos, dependentes, estimulados, seguros ou cheios de paixão. O ponto final de tal desenvolvimento é um mundo no qual praticamente todas as atividades se tornam uma experiência produzida ou adquirida. A vida, e especialmente a vida emocional com seus sentimentos, desejos, gostos e aversões, torna-se uma mercadoria. As indústrias da comunicação e da cultura o produzem para nós, e deles compramos experiências de vida e sentimentos na medida em que pagamos pela entrada no mundo da experiência que nos é oferecida.

A menção dessas razões – as possibilidades técnicas fascinantes para a *limitação*, o mundo profissional mais flexível e o modelo de sucesso atual da economia capitalista para vender a realidade – deveria ser suficiente para justificar porque mais e mais pessoas são movidas em seu pensamento, sentimento e agindo pela dissolução de fronteiras (vínculos).

3. A internalização da busca pela dissolução dos limites

Por ser a *des-limitação* experimentada como psicologicamente fascinante e ameaçadora, duas formas de internalização podem ser feitas: a primeira, uma identificação com os meios para dissolver os limites, a outra, uma formação reativa contra as demandas da dissolução de limites.

Na internalização por identificação, a pessoa se define em relação ao seu próprio *ser* pela capacidade destas maravilhas técnicas: Eu sou e defino meus sentimentos de autoestima pelo meu acesso aos

¹ No Brasil a figura do Empreendedor, ou empreendedor de si-mesmo [nota do tradutor]

² O sentido de produzida aqui é o sentido de inventada, representada [Nota nossa]

meios que facilitam a *des-limitação*.

Aqueles identificados até certo ponto com os meios de dissolução de limites, se identificam por meio de uma excitação por realidades ilimitadas, muito embora, também por meio de uma dependência existencial: se seu telefone *faz-tudo*, for roubado ou se seu disco rígido falhar, eles se sentirão perdidos, sem valor, e totalmente sem poder, porque eles não possuem mais seus meios de *ser sem limites*, ou seja, seu acesso e conectividade com as realidades ilimitadas são postos em disputa.

A busca por *ser sem limites* também pode resultar da formação reativa. Especialmente se alguém é confrontado com uma demanda de *ser sem limites* em sua capacidade profissional, uma demanda de abrir mão de tudo que é valorizado, seguro, orientador e fundamentado e, em vez disso, reinventar-se como meio de produção, então a *des-limitação* torna-se experimentada como uma ameaça e resulta em tensão psicológica. Mas tanto a raiva quanto a tristeza resultante não podem ser reconhecidas ou postas em prática, porque são percebidas como fraqueza, como uma incapacidade de trabalhar sob pressão e como falta de motivação e inspiração – como alguém diria hoje – e colocaria uma pessoa cada vez mais em uma posição de perdedora.

Nessa situação psicologicamente insuportável, há duas fugas psicológicas: uma leva ao acúmulo de sintomas e doenças psíquicas, a transtornos de ansiedade, humor depressivo e depressões completas com equivalentes somáticos, como dores nas costas ou problemas cardíacos. Com a expressão "*burned out*", a síndrome de *Burnout* já discutida, torna esses sintomas, hoje em gráficos. O sofrimento com as demandas exploratórias de *ser sem limites* arranca pela raiz os vários recursos de energia.

Junto com a formação de um sintoma, que é a expressão de uma internalização inadequada da busca por *ser sem limites*, a formação do caráter também oferece uma saída. Nisso, os já mencionados acima, se identificam com aquilo que os ameaça. Essa formação reativa leva a um comportamento ego-sintônico: a pessoa não sente raiva da dissolução dos limites, mas fica excitado com ela; não se sofre mais com a falta de limites, mas se busca *ser sem limites*.

Por mais diferentes que possam ser os mecanismos para internalizar a busca de *ser sem limites*, o resultado é sempre que se promove com alegria e paixão aquilo de que a economia e a sociedade atuais precisam para funcionar e, portanto, também se busca pelo *ser sem limites*. A princípio, não há nada de negativo nisso, porque cada pessoa é sempre um ser social, e deve se esforçar para se conformar para o sucesso da sociedade, se não quiser se isolar da vida social totalmente.

Perguntaremos em outro segmento sobre as possibilidades de não restringir a própria personalidade, sabendo que não se trata de ultrapassar fronteiras das etapas de desenvolvimento (por meio do processo de aprendizagem, treinamento, prática, separação e luto etc.) que essas fronteiras da possibilidade humana se deixam ser ultrapassadas. Em vez disso, trata-se de meios e maneiras pelas quais os próprios limites pessoa possam ser eliminadas.

4. Métodos de dissolução dos limites da própria personalidade

Sempre houve métodos pelos quais uma personalidade *sem restrições* poderia ser construída. Algumas delas são regressões (que usamos na terapia), a dissolução de limites por meio de substâncias psicotrópicas ou comportamentos excessivos ou a atuação da realidade. A atuação da realidade, de particular interesse aqui, existia antes, por exemplo em sociedades fechadas ou em doenças psiquiátricas, mas hoje, a digitalização e a meios eletrônicos permitem a construção de realidades virtuais sob medida para todas as eventualidades, nas quais qualquer pessoa pode se dar ao luxo de mergulhar.

Como o problema da falta de limites por meio de substâncias psicotrópicas e comportamentos excessivos é conhecido por nós a partir da dependência de substância, haverá uma breve discussão sobre a atuação da realidade e uma discussão mais completa da virtualização por meio de simulação.

Ser sem limites por meio da atuação

A *des-limitação* por meio da atuação trata de uma identificação fugaz com uma personalidade dife-

rente. A atuação ocorre na arte, na literatura, nos rituais, mas também na sociedade cortesã ou, hoje, na fantasia popular. Salvo por algumas exceções, a maioria das pessoas é capaz de distinguir o imaginado (realidade encenada, a realidade ilimitada) da realidade factual e externa.

A única coisa nova é que, graças à inovação técnica, todos podem desfrutar dessa atuação da realidade a qualquer hora, quase em qualquer lugar. Não há dependência de pessoas, lugares, situações, instituições e habilidades mediúnicas específicas, apenas aquelas dos meios eletrônicos.

A atuação das realidades têm conteúdo muito diferentes e desejam estabelecer acesso a realidades e mundos paralelos que estão contidos nas experiências cotidianas ou dão origem a um mundo de fantasia. Mesmo que sejam completamente fantásticos e irreais, seu caráter como realidade encenada permanece conservado e consciente para o consumidor.

Ser sem limites por meio de simulação e virtualização

Ao contrário da atuação, a dissolução dos limites por meio de simulação normalmente visa desativar a capacidade de distinguir entre realidade e fantasia, desejos e realidade, ilusão e realidade. O que é verdade para um bom simulador de vôo, ou seja, que a habilidade de controlar a realidade é obscurida, também é uma pré-condição para cada mergulho em um mundo virtual. Quanto mais perfeita a simulação, menos significativo é o controle sobre a realidade – e também o confronto com uma realidade onerosa.

A virtualização da realidade resultante das técnicas de simulação atuais visa uma experiência da realidade que não está mais sujeita a quaisquer controles. Isso já é evidente a partir das definições das palavras "virtual", "virtualidade" e "realidade virtual". Por realidade virtual, entendemos algo que não existe da mesma forma na realidade em que parece existir, mas, no entanto, mostra todo o funcionamento e efeitos de tal realidade. O oposto de virtual, portanto, não é "real", mas "físico": o virtual não existe "na realidade", mas tem (na medida do possível) todos os signos e marcadores identificadores da realidade na percepção de uma pessoa. O escritor de ficção científica William Gibson, portanto, está certo ao dizer que "o ciberespaço pressupõe uma alucinação consensual".

Partindo por tudo o que sabemos hoje sobre os riscos de uma vida em mundos virtuais, a questão é antes de mais nada o que motiva as pessoas a querer desvincular sua percepção da realidade, que querem submergir em realidades virtuais para se sentirem mais em casa lá do que na realidade física. A resposta neurobiológica é que, por meio de mundos virtuais (como em jogos de tiro), os centros de recompensa do cérebro são ativados com eficiência, de modo que os *Opiáceos* produzidos naturalmente pelo corpo, como a dopamina, são liberados e causam um estado semelhantes a embriaguez.

Esta definição clara também implica que outras possibilidades de desvinculação da realidade, como 'realidade aumentada' e 'realidade aprimorada', podem causar uma expansão da percepção da realidade com o suporte de computadores ou ajuda de 'aprimoradores cognitivos' como o *Modafenil* ('*dopagem cerebral*'), mas não são um fenômeno da realidade virtual. (Em contraste, termos como 'hiperrealidade' e 'realidade excedente' também parecem ser úteis para descrever as limitações virtuais, enquanto o termo 'Ficção' pode ser usado para descrever a realidade encenada, bem como a realidade virtual).

Independentemente do próprio estado mental e da imposição pessoal da vida – mas também independente das possibilidades reais inatas – a realidade virtual oferece uma grande "vantagem": experimentar a felicidade e a sorte, a fim de se transferir para um estado de embriaguez. Isso pode ser repetido com a mesma frequência que se busca a realidade virtual para esse propósito – com o resultado de que isso leva a um reforço cada vez maior dessas conexões nervosas ativadas, enquanto outras sinapses são desconstruídas. Isso não significa nada além de que um determinado uso da realidade virtual tem efeitos semelhantes como o desequilíbrio do controle sobre a realidade por meio de drogas ou comportamento excessivo e não apenas permite uma *fuga da realidade*, mas também tem um alto potencial para dependência de substâncias.

A fuga para um mundo virtual paralelo é realmente problemática, não apenas quando certos estados de sofrimento são evitados ou sentimentos de alegria são visados, mas quando a personalidade de

alguém deve ser inventada e construída por meio de simulação. O próprio pensamento, o próprio sentimento, o próprio querer, os próprios julgamentos vêm de uma personalidade virtualizada e simulada, de modo que essa pessoa ou aqueles em seu ambiente não podem reconhecer que a vida pessoal tem as propriedades de uma personalidade virtual. Mais do que produzir uma personalidade, a virtualização leva a uma desativação de funções e habilidades importantes do ego, que são o resultado da formação da estrutura psíquica. Este será o assunto da conclusão – mesmo que apenas por insinuação (para mais elaboração, ver Funk 2011, pp. 166-187).

5. Resultados da busca pelo *ser sem limites* na condição psíquica

Des-ativação do esforço inato

Um primeiro efeito diz respeito aos esforços psíquicos inatos. Aquilo que move, motiva, anima e interessa a uma pessoa mal tem chance contra os efeitos embriagantes, inspiradores e estimulantes das ofertas da experiência produzida e virtual. Essa desativação dos impulsos internos é reconhecível, por exemplo, pelo fato de que alguém pode sentir um interesse pessoal apenas quando lhe é oferecido algo interessante ou diz a si mesmo: "Sim, isso é muito interessante para mim." Afinal, aprendemos ao longo do treinamento da personalidade como é importante para uma comunicação bem-sucedida simular e mostrar interesse, independentemente de algo ser realmente interessante ou não. O que foi visto pela primeira vez no uso da linguagem americana agora se tornou convencional em outras línguas. Ninguém mais deseja "ser inspirado", mas "obter inspiração!". A atividade é cada vez menos dependente dos esforços interiores resultantes de nossa estrutura psíquica.

Deprivação de uma experiência autêntica do *self*

Quem realmente quiser experimentar a si mesmo deve deixar para trás a experiência de uma identidade familiar e renunciar a um *Self* definido – limitado ("definido" contém a palavra latina "finis" = fronteira / limite). Além disso, dependendo da causa, situação e desejo, o *self* deve ser substituído por um *self* recém-inventado e por uma personalidade simulada. Quando uma pessoa *sem limites*, portanto, fala de autorrealização, ela quer dizer algo completamente diferente do que a realização de um *Self* inato inconfundível. Para ele, trata-se de *ser sem limites* por meio de uma reinvenção, uma experiência de *Self* encenada situacionalmente ou simulada. Isso não tem mais nada a ver com autorrepresentações internalizadas. A exigência continua sendo ele mesmo, entretanto ele opta por se reinventar. O mesmo é verdade para a compreensão da autenticidade. Aquele que não pode fazer nada além de ser como é, não é mais autêntico. Aquele que é capaz de produzir a si mesmo de modo que o perceba como seu é autêntico, embora o que ele vê como seu "próprio" nada tenha a ver com seu eu interior. Amanhã ele perceberá algo totalmente diferente como o seu.

Relacionamento sem limites

Se *ser sem limites* implica na abolição das restrições, então estar ligado aos outros está tão em jogo quanto estar ligado a si mesmo. Pessoas desvinculadas, procuram entre seus contatos interpessoais um relacionamento sem restrições. Eles querem ser livres e ilimitados e, ainda assim, estar conectados por redes e mídias sociais.

Em vez de sentir e praticar laços relacionais emocionais individuais, como ternura, confiança, anseio, lembrança ou saudade e construir relacionamentos com a ajuda deles, preocupa-se apenas com o contato, sentindo os sentimentos encenados ou simulados oferecidos pela mídia, ou tentando simulá-los de uma situação por conta própria. Desse modo, uma relação com os outros se deixa construir e realizar, sem sentir uma ligação ou dependência dessa conectividade.

Vazio interior de sentimento

O que já foi dito sobre a des-ativação da força de ligação emocional individual é verdade em geral para a emocionalidade e a experiência de sentimentos em pessoas sem vinculação. Na verdade, eles se caracterizam por um vazio emocional, mesmo que os sentimentos estejam "dentro" de novo e eles estejam "totalmente envolvidos com as emoções". Eles reinventam o sentimento, e isso por

meio da própria ação ou simulação dos sentimentos, ou compartilham um mundo de emoções, gerado e oferecido constantemente por uma economia que aposta na emocionalização.

Compartilhar emoções orquestradas em vez de sentir as próprias é vantajoso por duas outras razões: primeiro, pode-se representar afetos que nunca ousaria sentir – sentimento de vingança, destruição, inveja, ciúme, assassinos. Em segundo lugar, pode-se repudiar melhor os próprios sentimentos aparentemente insuportáveis, compartilhando sentimentos que não são seus.

Mais eficaz é a simulação de sentimentos positivos. A pessoa deseja e sente apenas o positivo para si mesma e para os outros, de modo que em si mesma e mais ainda nos outros, apenas os centros de recompensa neuronais são direcionados e as redes neuronais correspondentes são reforçadas. Todos os sentimentos e autopercepções que são percebidos negativamente (ou seja, ofensivos ou dolorosos) parecem ter desaparecido.

O fato é, entretanto: só se pode realmente apreciar e amar a si mesmo e aos outros quando não obscurece as próprias desvantagens e as dos outros – as difíceis e as críticas –, mas é capaz de aceitá-las e apreciá-las e talvez até amá-las. Todo o resto é uma idealização e permite que o pensamento positivo se torne uma ideologia, como Barbara Ehrenreich convincentemente retratou em seu livro "*Smile or Die*" (2010).

Ameaçar a perda de orientação

Finalmente, os corpos de controle internalizados atrapalham a reconstrução da personalidade. O que acontece com o superego, o ideal do ego e a consciência? Como parte das instalações psíquicas de uma pessoa, eles representam um requisito e uma medida dos quais a pessoa que precisa *ser sem limites* deve se libertar se quiser viver uma vida *sem restrições*, sem sentimento permanente de ansiedade, culpa e vergonha. Como em todos os pontos mencionados até agora, também aqui as próprias capacidades que acompanham uma estrutura psíquica madura são substituídas por algo que vem de fora e supostamente impede uma perda iminente de orientação.

No lugar de um sistema regulatório interno, existe uma orientação externa abrangente. Se hoje uma suplica se eleva em todos os lugares por regulamentos, por novos e velhos valores, por ética na ciência e medicina, por ética ocupacional e profissional, por correção política e gerencial, então esta necessidade de modelos, conselheiros, terapeutas, consultores e treinadores tem a ver com a separação do conceito moral internalizado e orientação em pessoas restrições. A orientação externa exige, além disso, uma revisão permanente da consulta ou da presença de orientações ou conceitos orientadores.

Sem dúvida, a reconstrução da identidade de uma pessoa permite mais autodeterminação e uma liberdade experimentada de maneira mais subjetiva. Igualmente, sem dúvida, é que a identidade *sem limites, de alguém*, leva ao enfraquecimento de tais habilidades e competências que têm sua base em nossa estrutura psíquica desenvolvida. Sua *des-ativação* extensa necessariamente leva a uma orientação externa mais fortalecida. A dependência de substitutos do Id na forma de "paixões emprestadas" (Allebrand 2012, pp. 57-74) e afetos também está aumentando, como a de egos auxiliares e superegos auxiliares. Essas, entretanto, não são procuradas em outras pessoas, mas em mídias estimulante e nas maravilhas técnicas, no treinamento da personalidade e na terapia aplicada sugestiva e na orientação de ofertas de comunicação.

6. O self *sem limites* como um desafio para a psicanálise

Tão benéfico quanto as possibilidades atuais de superar os limites da ciência e da tecnologia, seu uso para a reconstrução da personalidade apresenta, em primeiro lugar, altos riscos para a saúde mental de pessoas *sem vinculações*; em segundo lugar, torna o reconhecimento público e a plausibilidade da ideia psicanalítica do humano e dos métodos psicanalíticos de terapia mais difíceis. Como já foram fornecidos detalhes sobre os riscos para a saúde mental, apenas mais alguns aspectos devem ser mencionados aqui para explicar por que pessoas *sem vinculações* têm dificuldades com a psicanálise.

Pessoas *sem limites* recuam de tudo que poderia limitá-los em sua autodeterminação. Uma psicolo-

gia que vê a experiência e a ação das pessoas fundamentalmente determinadas por suas representações e impulsos internos, particularmente daqueles que foram construídos na infância e ainda deveriam estar inconscientes em sua maior parte – tal psicologia psicodinâmica é difícil para pessoas *sem limites* aceitarem e obsoleto aos seus olhos. A busca da falta de limites voltada para a própria personalidade quer reinventar o self, substituindo todos os requisitos estruturais por crenças e impulsos autodeterminados, e passa a suportar com a ajuda de atuações, simulações e técnicas sugestivas. É por isso que eles não estão interessados em uma mudança de estruturas internas, nem em trabalhar suas ansiedades, seus conflitos ou suas fantasias, estruturalmente determinadas reagindo com resistência quando são trazidos para perto de seus limites.

O conceito psicanalítico de um self coerente ou de uma experiência definível de identidade, mas também a concepção de uma realidade inconsciente ou reprimida não é compreensível para pessoas *sem limites*, porque esses conceitos são relíquias do paternalismo teórico, que não são cobertos por sua experiência de self.

O trabalho terapêutico com regressão não evoca resistência em princípio porque toda regressão é uma forma de limitação. O mesmo é verdadeiro para os processos hipnoterapêuticos. Em algumas condições, a terapia é percebida como uma realidade virtual agradável. No entanto, se a regressão leva a relacionamentos de transferência e dependências emocionais, então escapar do relacionamento terapêutico continua sendo o único recurso.

Como o processo da terapia psicanalítica está, em primeiro lugar, interessado na percepção emocional do relacionamento (na transferência e contratransferência), as pessoas ilimitadas tendem mais fortemente às resistências transferenciais.

Em relação à terapêutica, as pessoas *sem limites* também preferem "soluções técnicas" com as quais podem desviar a atenção de certos afetos, estados depressivos e de estados de medo ou dor. Além disso, eles estão interessados em técnicas de sugestão, imaginação, atuação ou simulação para se "realinhar" psicologicamente.

Esses pontos já sugeriam que a aceitação social da psicanálise diminuirá mais nas pessoas *sem limites*. Isso não significa, entretanto, que a psicanálise não tenha futuro; pelo contrário, em vista dos déficits e dependências psíquicas que acompanham a reconstrução da personalidade, ela é mais importante do que nunca e se encontra, do ponto de vista social, em uma posição incompreendida semelhante ao início de sua história.

Referências

Allebrand, R. (2012) Die Burnout-Lüge. Ganz normaler Wahnsinn (The burnout-lie. Uma loucura muito normal). Bergisch Gladbach: EHP - Verlag Andreas Kohlhaage.

Ehrenreich, B. (2010) Sorria ou morra. Como o pensamento positivo enganou a América e o mundo. Londres: Granta Books.

Frankenberger, R. (2007) Die postmoderne Gesellschaft und ihr Charakter (A sociedade pós-moderna e seu caráter). Em Frankenberger, G., Frech, S., e Grimm, D. (eds.), Politische Psychologie und Politische Bildung. Gerd Meyer zum 65. Geburtstag. Schwalbach: Wochenschau-Verlag, pp. 167-187.

Funk, R. (2005) Ich und Wir. Psychoanalyse des postmodernen Menschen (Ego and We. Psychoanalysis of the postmodern character). Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag).

Funk, R. (2010) Vivendo de acordo com o manual. Caráter social orientado para o ego - Efeitos patogênicos da globalização. Em International Forum of Psychoanalysis, 19, pp. 84-91.

Funk, R. (2011) Der entgrenzte Mensch. Warum ein Leben ohne Grenzen nicht frei, sondern abhängig macht (O Eu ilimitado. Por que viver sem limitações não leva à liberdade, mas às dependências). Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus.

Gibson, W. (1984) Neuromancer. Nova York: Ace Books.

Pongratz, HJ e Voß, GG (2003) Arbeitskraftunternehmer. Erwerbsorientierungen in entgrenzten Arbeitsformen (O funcionário como empresário. Orientação para a aquisição e organização de trabalho ilimitada). Berlim: Edição Sigma.